

POEZINE

FANZINE DE POESIA & ILUSTRAÇÕES



ATO I

JAVA



Uma autópsia poética



@arte_do_java

POE ZINE

ATO I

F
A
N
Z
I
N
E
D
E
P
O
E
S
I
A
&
I
L
U
S
T
R
A
Ç
Õ
E
S

Existirmos, a que será que se destina?

Olá, caro leitor, seja bem-vindo à edição inaugural do POEZINE, um fanzine de poesia e arte visual independente e gratuito que acaba de pousar em terras piauienses. Nosso desejo é abraçar a contracultura e lançar holofotes sobre artistas locais ainda desconhecidos do grande público como desenhistas, ilustradores, quadrinistas, poetas e escritores de modo geral. Aqui também é o espaço onde toda anarquia criativa será bem recebida e incentivada. Não temos compromisso com formatos, mas com conteúdo, assim esperamos que este seja um ambiente frutífero e efervescente de ideias.

Mas o que é um fanzine? Resultado da junção dos termos *fan* e *magazine*, refere-se a publicações destinadas a um público específico e que podem ser produzidas desde um modo mais artesanal e analógico, como e inclusive por processamentos gráficos mais elaborados e até digitais, porém não são considerados lançamentos oficiais, pelo seu caráter *do it yourself* e panfletário. Outra característica marcante das revistas é a tiragem limitada o que os tornam itens raros e até colecionáveis.

As primeiras zines surgiram nos EUA na década de 30 e abordavam temas como ficção científica e histórias em quadrinhos, tendo a seguir ganhado o mundo e ampliado o seu leque de possibilidades, abordando os mais variados assuntos: política, poesia, música, humor, cartuns, veganismo, vegetarianismo etc. O movimento fanzineiro encontrou sua era dourada na década de 70 com o surgimento do movimento punk-rock.

No Brasil, na década de 60, surgiam as primeiras revistas sendo *Ficção*, lançado por Edson Rontani em 1965, Piracicaba – SP, considerado o primeiro fanzine. A partir da década de 90, o país passou por um *boom* na produção e distribuição de conteúdos.

Abro parênteses aqui para relatar a experiência do redator que vos fala: como todo bom *millennial*, cresci acompanhando diversos formatos de mídia e compartilhamento de conteúdo, do vinil aos serviços de streaming, das bancas de revistas e jornais à era do conteúdo digital. Meu interesse por fanzine surgiu justamente numa época, final dos anos 90 e início dos 2000, onde o acesso a informações sobre mangás e animes (sim, um *otaku*) era muito escasso se comparado com a disponibilidade atual. Era muito comum que fãs de mangá criassem e publicassem suas próprias histórias, já que quase não havia publicações no Brasil.

Na era da informação instantânea, do algoritmo e da monetização de todo conteúdo, é interessante pensar em formas de comunicar que de algum modo nos retirem de uma torrente de informações, cujo pano de fundo é quase sempre a propaganda e propor alguma forma de desaceleração e consumo de informação consciente, deliberada e pautada no deleite puro e simples que só a arte pela arte é capaz de proporcionar. Tão importante quanto assimilar as transformações que o futuro sempre trará, é manter também em nós aquilo que nos faz bem.

O POEZINE chega ao Piauí nos formatos físico e digital em PDF e E-book (link na bio: @arte_do_java). Para esta primeira edição, apresentamos o trabalho de JAVA, artista piauiense multilinguagem, observador, estudioso e apaixonado por identidade cultural piauiense. Boa leitura e até a próxima.

SUMÁRIO

Parte I

Ventura	08
Olhos de mangá	09
Ditado populacional	10
Maria-flor.....	11
Poema noticiário	12
Toró	14
Num-se-pode	15
Raimundo, um parnasiano convicto	17
TUPIAUHY	18
Chapada do Corisco	19
Ocaso, casos & acasos	20
O que não tem remédio	21
Recanto	22

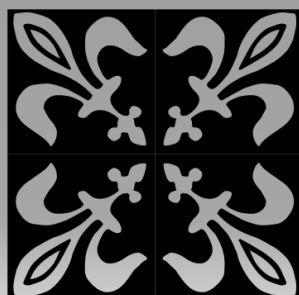
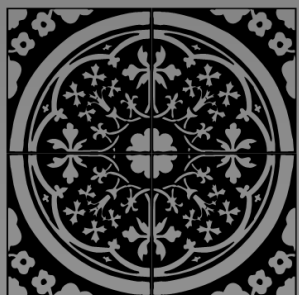
Parte II

Ilustração I: Cangaceiro	24
Ilustração II: Vaqueiro místico	25
Ilustração III: Prismática	26
Ilustração IV: Un derecho de nacimiento	27
Ilustração V: Num-se-pode!	28

Ilustração VI: Curumin neurodivergente	29
--	----

Parte III

Janotas	31
Episódio doméstico	32
Eros & caos	34
Via láctea	35
Desertor	36
Mansueto	37
Oráculo	38
Niilismo madrigal	39
Crença	40
Foras da lei	41
Sinais	42
Sempre assim	43
Ventura II	44
O pomar	45
Do autor e obra	46



PARTE I

PIAUILISMOS, NORDESTE FICÇÃO, ENTRE OUTRAS MEMÓRIAS

VENTURA

Nos tempos da primeira infância, na casa velha com azulejos coloniais e mobília setentista em tons carmesim, as noites eram percorridas à meia luz, numa penumbra melancólica e saudosista que até hoje me acompanha (agora por dentro). Havia uma coleção de vinis, Philadelphia, Fanini e outros. Aqueles sons paridos do blues e do gospel americano, entre os chiados e saltos da agulha da vitrola, me invadiam e embalavam aquele entorpecimento hipnótico. A realidade ia aos poucos derretendo em manchas impressionistas, o peso daquelas frases de fé se distanciava e se perdia, como o último lastro de um trovão, quebrando e restituindo o silêncio, até que eu estivesse confortavelmente adormecido no berço de metal. * “Há de ter um lugar onde o tempo há de parar, onde a paz se faz real e o irreal amor não há...” Ressoa até hoje em meus ouvidos, mas o tempo não parou, voou como uma ave migratória até estas paragens insanas e desconcertantes, onde adormecer é apenas uma necessidade fisiológica, destituída de beleza e sem um ranço sequer de magia.

* Santo Lugar, Grupo Elo, 1976.

OLHOS DE MANGÁ

Libélulas libertinas e libidinosas pousam e posam aqui e acolá. Meus pés pretos contra o planeta terra impulsionam o balancim improvisado debaixo duma mangueira no quintal. Os meus apêndices são como antenas curiosas, captando o mundo ao redor. Você sabia que os quiabos maduros ressecam, arrebetam e arremessam suas sementes? Meus grandes olhos são puro fascínio a fitar o efeito caleidoscópico no chão, da luz vespertina cruzando a folhagem, através da gigante copa frondosa. Tudo ao redor é alquimia matemática para um anjinho elétrico de Fibonacci. O cheiro doce duma vassoura de velame ajuntando coisas que a gravidade derruba, cigarras boêmias, trovadoras do entardecer, cantarolam nostalgias de outros outonos. Eu viajante do futuro sentia saudades do homem que um dia viria a ser... Quem já viu a lua de dia sabe bem, nem sempre o céu é azul, pois antes de se recolher o rei sol derrama uma aquarela quente e furta-cor sobre a abóboda do firmamento, prenunciando o manto negro que embala os sonhos de Gaia.

DITADO POPULACIONAL

Sol a pino - típico - trópico - calor úmido - carnaval - colares de conta
vestidos coloridos - bandeiras do absurdo - vermelho sinal - trânsito banal
geopolítica - movimentos migratórios - pele escura - invisível gente.
Mulheres venezuelanas pedem esmolas nos semáforos teresinenses.

MARIA - FLOR

Fez murchar feito uma flor de vaso

Qual mimo singelo ali exposto

Enfeite, deleite aos olhos teus

A te servir calada e bela

Fez secar, perder o viço

Des-pe-ta-lar-se em mil

Pedaços tortos, pálidos

Aquele amor que era cálido

O que era jardim, você nem viu!

POEMA NOTICIÁRIO

A minha cor é o cobre
Das minas da terra do sol
O meu suor é tão nobre
O meu coração é leal
Eu sou o filho das serras
Sou jê, sou tupi, marajó
Eu sou o último índio
Sou minha nação
De um homem só

Minhas irmãs já se foram
Pras selvas cruéis lá do sul
Falando a língua daqueles
Que têm as moedas de ouro
Eu sou o filho das águas
Jaicós, tremembé, guarani
Eu sou o último filho

Sou minha canção

Que não tem fim

A minha tribo descende

Das gotas duma grande chuva

Somos amigos dos bichos

Herdeiros do fogo ancestral

Nós somos um com a terra

Kayapó, anambé, pirahã

E eu sou o último grito

Das cinzas que trazem

O amanhã...

No planalto central, como funcionários da capital federal, recebem hoje, mais de 15 mil reais de salário, aqueles que mataram, em 1997, incendiado sob seu cobertor enquanto dormia num ponto de ônibus, Jesus, o Pataxó.



T O R Ó

Amiúde, cheiro de café torrado na chaleira, quando viram chegando a nuvem chumbo através da janela: lá vem a chuva! Dali a pouco a calha chia e chuá! É um aguaceiro sem fim e um dedo sabido logo procura embaixo das cobertas pelo outro “mindim”. Ai, que dia lindo para ficar em casa, a gente mergulha na cama e nada...

Nada...

... e mais nada!

NUM - SE - PODE

Mas afinal, o que é poesia?

A rigor do termo, perguntei à academia:

Onde está o sentir poético, na forma ou conteúdo?

Ou como na teoria dos conjuntos, é o que contém
ou o que está contido?

Digo e repito: poesia é o que sinto!

Um místico quiçá diria que ela é pura alquimia!

Então seria o poeta um benzedeiro, um xamânico e a poesia cura e
anestesia?

Penso que sinergia!

Indaguei outro dia a um amigo anarquista que
me disse: se sou livre, ela é a própria liberdade!

Daí concluo que o poeta é um rebelde
que desbrava e desvenda o mundo
e sangrando disso e daquilo, verte o que sente
como pode, deseja, alucina, intui, sabe...

E a poesia, voz que sussurra aos ouvidos,
é sereia... e o artista, um pobre encantado!

Seja lá como for, ao receber o recado
Num-se-pode! Num-se-pode! Num-se-pode!
Não se pode evitá-la, há que se aceitar
o seu doce chamado...
Sê!

RAIMUNDO, UM PARNASIANO CONVICTO

Vamos libertar a poesia
da moldura? Deixar que
as palavras extrapolem,

que o poeta , como uma antena parabólica, possa fluir e espalhar sua
sina pelo mundo, vasto mundo, Raimundo...

TUPIAUHY

. xixá .
. jatobá .
. muriçoca .
. urucu . tetéu .
. arigó . xexéu .
. mandioca .
. murici . peba .
. puba . embira .
. ingá . pipira .
. cacimba . corró .
. babaçu . bodó .
. cabaça . cajás .
. quibane . jacás .
. ipê . jururu . cumbuca .
. jaraguai . cotia . mutuca .
. pitomba . sembereba . urucum .
. piabas . juriti . beijú . tucum .
. guabiraba . potó . mirindiba .
. gamela . buriti . imburana . pituíba .
. tijubina . umbu . mambira . patuá .
. macaxeira . labigó . inharé . ajé .
. macambira . tuiuiú . coité .
. capiau . carimã . pequi . . juá .
. maxixe . cajuí .
. carnaúbas .
. macaúba .
. Piauí .

...

CHAPADA DO CORISCO

Num carrossel para selvagens, dois corcéis acorrentados giram e giram sob a luz de um letreiro neon. Um grito avança para o infinito e o disco agita a noite com um soco forte nos ouvidos: **“*dance, dance, dance, dance to the radio!*” Dançam sobre as lágrimas que lhes correm dos olhos e cravejam o chão, mordem-se lascivos, laceram as epidermes e beijam com sofreguidão. Devoram um ao outro até que nada exista além de um fluxo sensorial pulsátil a eletrificar suas almas: sinapses, sudorese, sinestesia, para que de súbito faça-se o silêncio que encerra o baile nos confins da noite.

** *Transmission* – *Joy Division*, 1981, álbum homônimo.

O CASO, CASOS E ACASOS

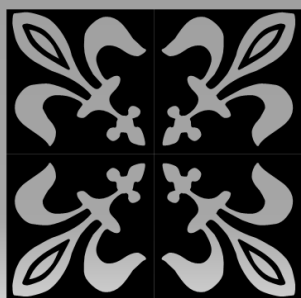
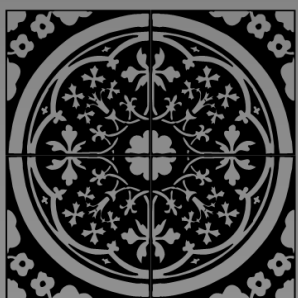
As goiabeiras estão ávidas por meninos e os fins de tarde aguardam os transeuntes nos passeios públicos. Cigarras e bem-te-vis em coro acobertam os cochichos das senhoras nas calçadas corriqueiras de má fama sob a aquarela do ocaso enquanto o vigário já se derrama em ladainhas... Tudo mais flui certo nas engrenagens dos relógios. Os apaixonados, esses teimosos, sempre furtivos a arranjar desculpas tolas e mimos, para eles não existe segunda, todo dia é domingo.

O QUE NÃO TEM REMÉDIO

Cai a tarde macilenta como a tez das reses, dos bichos a tracionar carroças pelas ruas dum sertão. Andorinhas em nuvens revoam ao redor do campanário, caboclos agachados nas portas dos casebres a mascar tabaco entre os dentes remanescentes, cheirando a terra molhada desses rincões de veraneio, onde a relva em toda parte viça e reverdece. Ora, pois eis que bate o sino cadenciando anúncio. Levantam-se as cabeças, ouvidos atentai! O velho farmacêutico partiu. Deitou-se para uma sesta e dorme agora sem fim. Corre o burburinho pelas ruas, avisai a todos! Logo os senhores e senhoras de bem arregimentados, achegam-se lentamente, chapéus no peito, maços de vela e ali num canto, pobre aquela. À viúva nada lhe conforta, absorta, consumida. Repete dentro de si a dolorosa mesma sentença: para a morte, não há mesmo remédio que vença!

RECANTO

Um violão violento clama versos viajantes que atravessam o universo e vêm nascer em certa boca, ecoam em suas cordas roucas e vibram no ar sua frequência e áspera eloquência... Vai ganhar vida em meio ao que se perde e imperioso assim toma de assalto um coração tão ansioso. Escolhe aquela antena insone sob a luz dum candieiro e o canto sai certo. Rima a rima e nessa hora, chora o violeiro, desabafa e desatina ao dar vazão ao desamor da tal menina



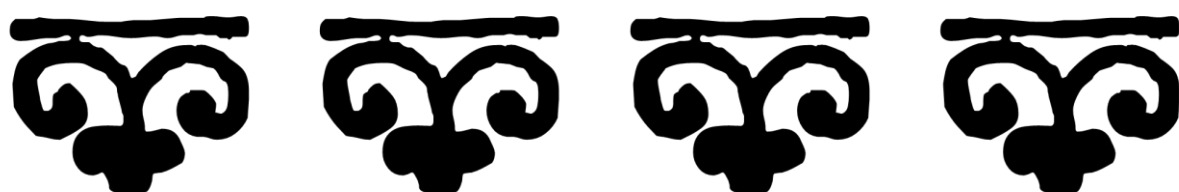
PARTE II

ILUSTRAÇÕES & DELÍRIOS COMPLEMENTARES





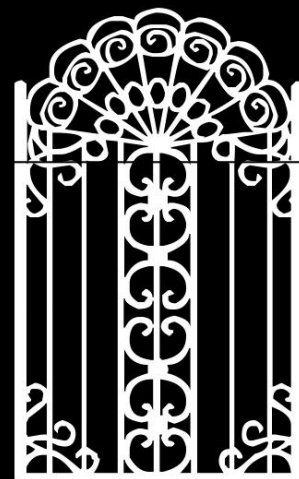
Um vaqueiro místico,
o mito da resistência, ecoa
sua toada cósmica pelas
savanas siderais...





PRISMÁTICA

Exercer-se é lei! O que o outro percebe é fruto do que vê pelas minúsculas janelas que abrimos, atravessando seus próprios filtros. É parcial, incompleto e impreciso, portanto, convém que as sentenças todas permaneçam do lado de fora da casa.

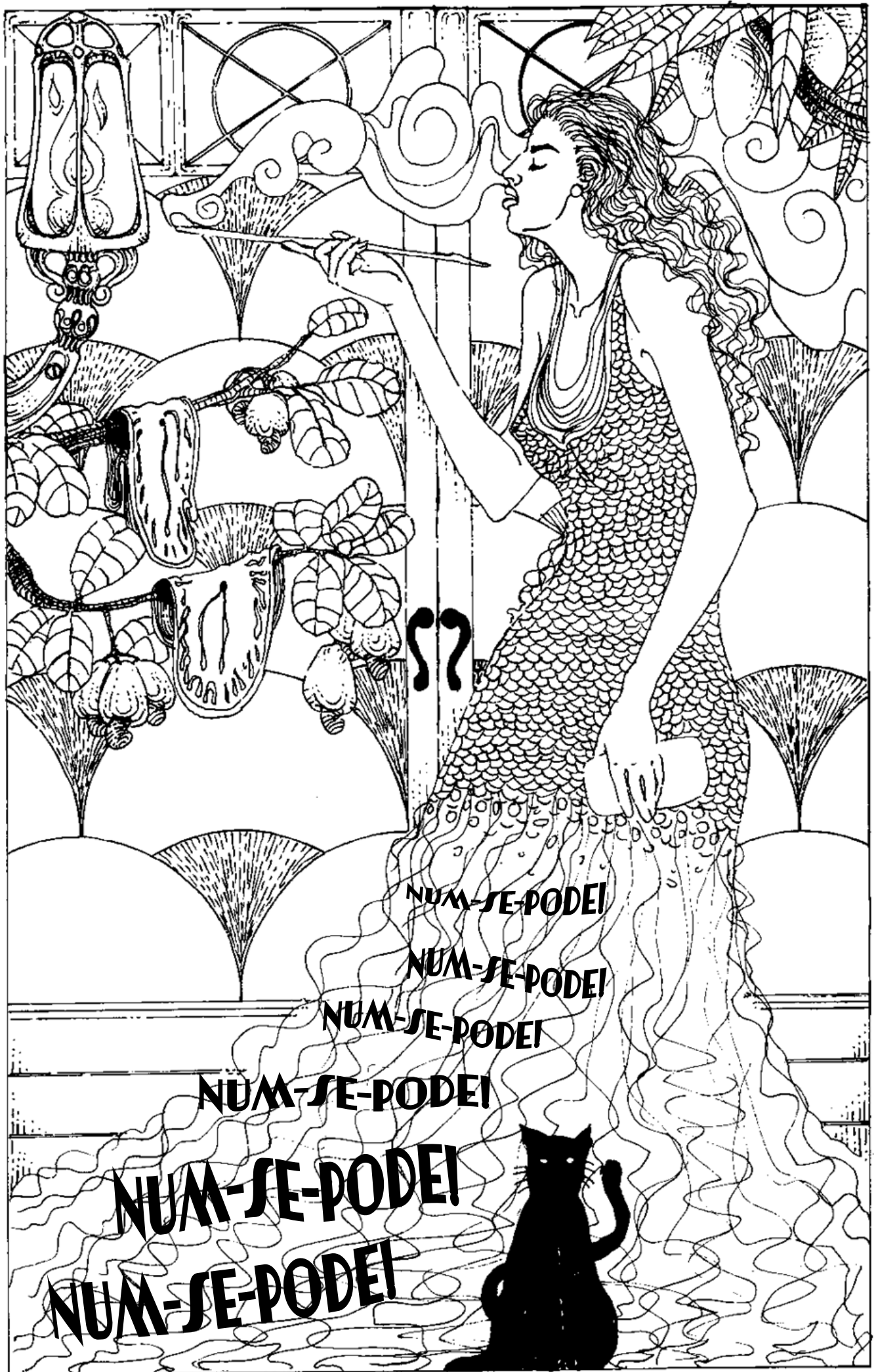




*"Yo no nací
sin causa, yo
no nací sin
fe..."

...mi corazón pega
fuerte para gritar a
los que nos mienten
y así perseguir a la
felicidad...

...Es un derecho de nacimiento, es el
motor de nuestro movimiento..."



52

NUM-SE-PODEI

NUM-SE-PODEI

NUM-SE-PODEI

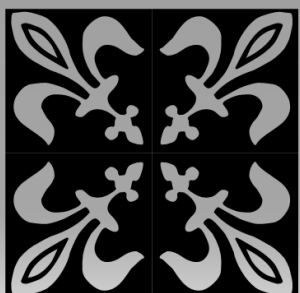
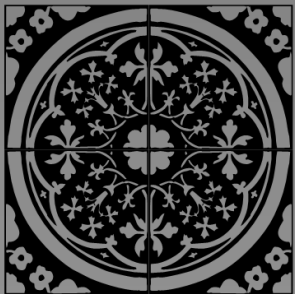
NUM-SE-PODEI

NUM-SE-PODEI

NUM-SE-PODEI







PARTE III

AMOR, VIDA, MORTE & OUTRAS SANGRIAS

J A N O T A S

Era o amor pasteurizado e enlatado. Um *consommé* urbano, de comercial de TV. Compre já! Você não pode perder! Era tolo o vislumbre, o delírio insosso, um vício frígido e sem viço, eficiente como um beijo de cinema, aerado, fictício e fantasmagoricamente *fake*. Espalmadas, suas mãos de estátua aqueciam seu amor de xérox, copiando sem parar, como mitoses, o amor na linha de montagem. Operários fadigados, aqueles corações de subúrbio! Dividiam-se em tarefas e tolices burguesas, louças, polainas, porcelanas! Desilusões por esforço repetitivo! Aceita um aperitivo?

EPISÓDIO DOMÉSTICO

Atirei meu coração ao mar
E fui me esconder para não sofrer, Luiza!
Li que o teu amor não pode ser de um homem só
Mas pior que dividir, é perder a quem se ama
Luiza, luzias vestida num tom pastel
e aquele chapéu...

Eu até pensei, maior eu posso ser
E quis te perdoar e esquecer, Luiza!
Vi o teu olhar febril se apagar, já não estás!
E ao sal do mar meu coração já entreguei
Foi na ressaca!

Luiza, candeia que ascende no céu!
Guardei teu anel, queimei o papel...

Lava mar, leva mar, “oh quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal?”

Lava mar, leva mar, “oh quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal?”



EROS E CAOS

Dá a tônica desses dias bons à revelia dos ruins, apesar da crônica que se constrói ante os nossos olhos. É a sátira da arte que imita a vida, na retórica dum peito que feliz batuca. Pura música, o amor em seus postulados tão típicos... É a saga dos intrépidos, flâmula dos incautos, fábula das mariposas. Dançam lépidas sobre toda agrura do que é viver....

VIA LÁCTEA

Beijaram-se e o mundo derreteu. Ali mesmo se esparramaram num desejo liquefeito em visgo. Pelas coanas abarrotadas daquele cheiro de seiva, atraíram-se e misturados, triturados, moídos, aglutinaram um ao outro num corrimento leitoso e odorífero. Quedaram assim desde esse instante, fluídos, fundidos, já não homem e mulher, mas coisa única, um emaranhado ninho, um platô de frisson, um hiato afiado rasurando a trama do tempo e costurando um cego nó. Amaram-se, pois, completamente absorvidos, libertos, sós...

DESERTOR

O burocrata demitiu-se! Sacou cores há muito esquecidas no armário e empunhando pinceis ao invés de planilhas, libertou-se do julgo do salário. Forjou em tinta e sonho um disco voador e escapuliu-se entre brumas de som e luz. Mudou-se para um mundo só seu, feito de gás, onde não haveria fita métrica, nem obus, nem cruz, planeta onde nada perturbaria sua infinita paz.

MANSUETO

Em tons de cinza e carmim jazia em sereno e profuso jardim, de olhos rijos, a carne tesa, a fitar no infinito que a estrela d'alva iridescente luzia pendurada no manto denso do firmamento. Submerso em horas de silêncio, devagar, a divagar num perdido emaranhado de pensamentos. Novelas, novelos, novidades, impermanência implacável de tudo, o mar bravio da vida e sua velha idade. Vaidades, vãs brevidades...

ORÁCULO

O silêncio enquanto potência guarda em si toda eloquência, como a semente que carrega em si, tão pequenina, toda a vida de uma árvore latente. Sutis sibilos, subcutâneas frequências, inauditas cacofonias... No silêncio absoluto tudo se amplifica de tal modo que absurdas são as percepções, miraculosas! Um recital mudo, catártico, vibrante e contumaz, lirismo de que só o espírito é capaz!

NIILISMO MADRIGAL

Do alto das cinzas, vestígios
No ato das cinzas, finitude
Tão logo reerga-se o castelo
Em dias de alvura e alento
Sabendo dele que é todo
De areia e ganas, às vésperas
Duma valsa com o mar
Vida cigana e suas cirandas
Velhas parcas mensageiras
Cantando que é passageira
Posto que é cíclica, lisonjeira
É cântaro de bálsamo que se
Derrama e dissipa ligeiro.
Sem, contudo, nunca findar.

CRENÇA

O errante navegante percorre as corredeiras agarrado a um bote talhado por suas próprias mãos e crendo-se livre dos infortúnios, ignora que poderia também nadar, saltar e até voar, num ato de delírio ou bravura. Sem se dar conta, segue o fluxo do rio desconhecido, se longo, se curto, mas como é de se esperar, como todos os outros, deságua e desaparece no mar, este infinito que é todo mistério e incerteza. Foi-se o homem, eterna criança ferida solta no mundo, encontrar na escuridão o pai que sempre buscou à luz do dia, em águas tão rasas.

FORAS DA LEI

A cada prédio erguido o céu vai encurtando pouco a pouco. Nas artérias, avenidas, linhas férreas, o nosso sangue corre solto e sol palidamente se esconde na fumaça dos engenhos do progresso. É esse lance de sucesso a qualquer custo, qualquer dor. Aposentados na barbearia jogam damas e relembram dias idos, um pregador de esquina, mão em riste anunciando fim do mundo. Um casal de amantes numa praça se entrega numa escala diferente que a frieza do concreto não consegue alcançar...

SINAIS

Um habitat, muitos víveres
Barulho ininterrupto d'água nas calhas
Das antenas falhas e o chiado das TVs
Ali onde a gente se tocava...
Naquele corredor obtuso
Onde as ondas nos tocavam
Cingidos num videoclipe pop
De enredo adolescente.
Se a gente soubesse que seria
Cuspido num mundo insípido
Teria beijado ali mesmo, mormente.

SEMPRE ASSIM...

O beijo adiado
O carro enguiçado
O velado, o frustrado
O amanhã *déjà vu* d' ontem
Uma tela em branco sobre a
Qual deixo as minhas tintas
Os meus melhores amores placebos
É o meu desejo alado que das minhas
Costas alça voo e nem sequer me consulta
E de nada adiantaria, nem tampouco bastaria
Se aquilo que quero ter é escorregadio demais
Se aquele que espero ser está sempre ali
Dobrando a próxima esquina para que eu viva a me
Perseguir pelos quarteirões esguios da vida
Tateando o escuro com os outros pobres iludidos
Visto que somos todos simuladores de nós mesmos,
Pedintes com as mãos estendidas ao universo, meras
Utopias esculpidas em água e carbono.

VENTURA II

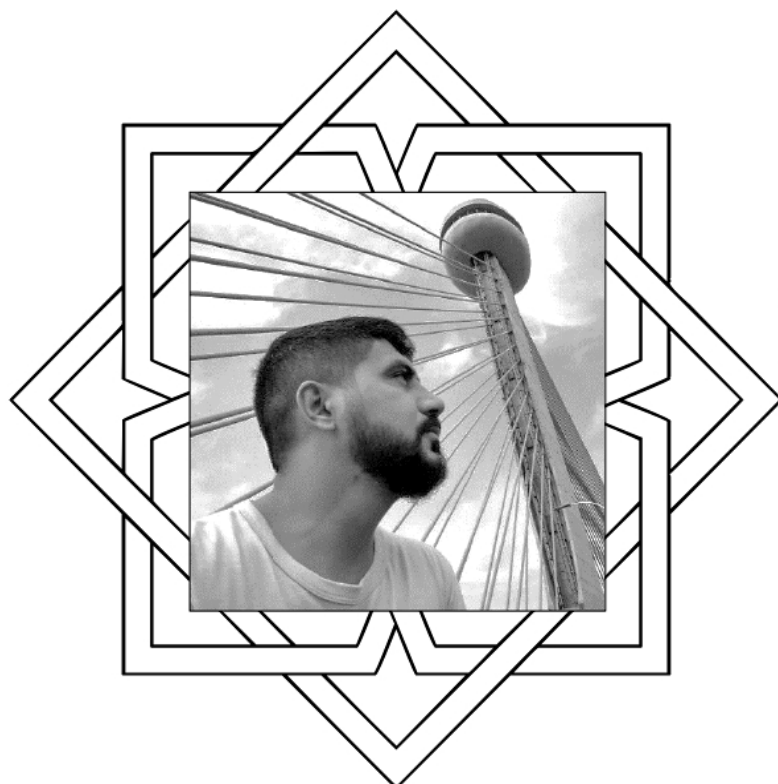
A sanidade nunca comportou o peso do que sou
Sutilizas e bons modos afrontam meu animal
Ao invés de dobrar e guardar, costumo rasgar coisas
Tanto que trago comigo garras e presas desgastadas
Já me deitei na forma que por sorte não me coube
E vi que para o convencional sou um fracasso
Enfim, contento-me cos desmandes do caos
E arremates do acaso (mestres fiéis)
Elevo ainda o meu olhar cigano e ligeiro
Sempre à frente, num algo que não me pertença
E por encantar-me do não possuído
Luzente como diamante fino
Estendo-lhe as mãos e zás!
E vou assim por essas veredas
Agregando sem me deixar agregar
Em nada especial, apenas não saí à moda
Uma reta qualquer tangente à norma
Mas sou aquilo que quero ser...

O P O M A R

O soldado ofegante adentrou o pomar em busca delas: verdes, maduras, vívidas, ávido. Suas botas chafurdavam aquele jardim de limo e bolor, exaltando as mariposas camufladas entre os cipós enegrecidos. Moscas e abelhas conversavam modorrentas ao redor de seu ouvido.

Na sua fome e cegueira, ajoelhou-se. Suas mãos tateavam trêmulas, folhas e gravetos. As únicas que encontrara, desmancharam em suas mãos. Sentiu de relance todas as notas daquele chorume: acre, cítrico, amadeirado, uma infusão sob o calor úmido e abafado.

Constatou pesaroso de que haviam passado do tempo, ali já não havia mais laranjas, mas tão somente a lama adocicada que a terra tragava em silêncio.



Nesta primeira edição você conheceu um pouco sobre a arte do JAVA, piauiense, poeta, artista multilinguagem, neurodivergente, odontólogo, 40 anos de idade, teresinense criado em Demerval Lobão- PI. Aqui o autor reuniu textos, poemas e letras de canções, cujas temáticas estão intrinsecamente ligadas à sua ótica enquanto mestiço de descendência indígena, preta e branca. Há uma paixão em descrever e reescrever vivências e sensações próprias de seu espaço-tempo social e geográfico, ele nordestino, sul-americano, de origem simples.

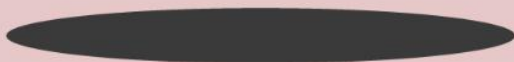
As inquietações aqui expostas buscam fazer rearranjos entre diversas formas de fazer poesia, buscando trazer novas

possibilidades de dispor o poema, numa verve rebelde e de contraponto, contudo, por vezes lançando mão da tradição quando oportuna. Se a poesia enquanto forma corre livre, os temas variam desde provocações sensoriais, imagéticas e sinestésicas, carregadas de saudosismo, ao tempo em que interpreta e exalta a cultura piauiense e seus diversos códigos, num desejo confesso de dar corpo e reforço à nossa identidade.

As ilustrações misturam desenho à mão em nanquim a um processo rudimentar de colagem digital e dialogam com o corpo textual, ora de maneira complementar, ora como experimentações gráficas, fundindo-se ao poema como uma transgressão do espaço de criação do poeta. Traz ainda referências da iconografia nordestina e imaginário popular, diagramação de histórias em quadrinhos, arte nouveau e arte decô e alguma crítica social e política. Temas sociais, inquietações espirituais, narrativas sobre o amor, o ciclo vida e morte, a efemeridade do tempo humano, dor, prazer, anarquia poética e linguística são os fios condutores dessa jornada. Nem tão parnasiano assim, nem tão dadaísta demais, JAVA é um experimentador curioso.

POEZINE-SE...

Curtiu nossa iniciativa e
conteúdo? Quer nos ajudar a
compartilhar cultura piauiense?
Nossa versão digital se encontra
disponível no Instagram: @arte_do_java,
onde você encontrará o link na bio
para download nos formatos PDF
e E-BOOK. Espalhe cultura
livre e gratuita!



@ARTE_DO_JAVA